

CONFERE – Em 1986, recebi uma ligação de Nazaré das Farinhas BA, havia um curió super



repetidor por lá e o dono resolveu me oferecer. Ouvi o bicho pelo telefone, era um Vi-te-téu de 30/40 repetições. Fechamos o negócio. Como estava chegando minhas férias, combinei com ele que dentro de uns dez dias iria buscar e levaria o numerário em dinheiro, na mão.

E assim fiz, chamei os amigos Walter Peba e Roberval Gambirinha e fomos viajar 1.400 kms só para lá chegar, numa veraneio à gasolina. Foram quase 4.000 kms viajados, ida e volta. Tudo para buscar um só curió, coisa de doido. Saímos de Brasília DF, viajamos dois dias, passamos no tal “Morro do Pai Inácio” de noite, um “cagaço danado” de repente um vento frio, senti calafrios, uma escuridão esquisita e apavorante. Parecia que estávamos chegando num lugar mal assombrado. Nesta viagem aconteceram muitas outras coisas estranhas. Algumas até inconfessáveis. Posso até contar no particular, mas escrever jamais, rsss.

Bom, depois de todo esse esforço, lá chegando o “home” nos disse: *“o senhor é o sô Aloísio, pensei que não vinhas, vendi o curió ontem para um cabra de Salvador”*. Respondi *“o senhor está brincando, não é verdade”*. Mas era verdade, não estava mais com o bicho. Levei um balde de água fria, me senti um idiota. Relutei um pouco, porém bom cabrito não berra, o que fazer. Veio a intuição: *“fique frio, há males que vem pra bem”*. Mesmo assim, por indicação dele adquirir até bem mais barato de um vizinho um “pintão” muito repetidor também, mas que nunca cantou em Brasília, dei de presente para um amigo de Santa Catarina.

Emburrei, travei e perdi o entusiasmo. Disse aos companheiros, não quero nem ver mais curió para comprar. Se vocês quiserem, vamos passear por aí, só vou “andar à toa”. E assim foi. De lá para Itabuna, Porto Seguro e depois subimos para Salvador, não sem antes comprar bastante farinha “da boa”, em Nazaré.

Vi muitos bons curiós pelo caminho, mas sem o mínimo interesse. No entanto, gostei de um em Itabuna que o dono estava tentando esconder, quando escutei o bicho cantando e repetindo dentro de casa. Disse ao Gambirinha: *“o que é bom tá guardado e aponte pra dentro da casa, rsss”*. Aí, não teve jeito, ele adquiriu o curió que estava amoitado. Em seguida, pegamos o caminho de Salvador. De repente, da estrada vimos umas gaiolas penduradas numa casa.

Com os Baianos, não tem muito “lero-lero”, *“esse é de Painho, mas é tanto”*. Vi um curió, também lindo, cantando rápido naquele canto gemido: *“til-til-rém-rem”* o famoso “Baiano Gemedor”, canto mais feio é difícil. Cantoria que era comum no litoral sul baiano. Mas quem gosta de roda não se importa com isso. O bicho tem é que cantar muito e retomar

rápido. Gostei demais, mas me contive. Falei Gambirinha: “*vai fundo que este é bom, não tem erro*”. Deu certo, ele pegou o curió.

Dali, fomos para Salvador, atravessamos de balsa a ilha de Itaparica, teve gente tão bêbada que supunha que estávamos num estacionamento durante a travessia, rsss. Lá chegando, comemos Acarajé “bem quente”, menos eu. Ficamos duas noites em Dias D’ávila. Ganhei um curió e o trouxe, cantador mas não se destacou. De lá passando ainda em Barreiras, com o Gaguinho arrumei um bicudo espetacular, o Bateria. Enfim voltamos para Brasília depois de uns dez dias, ufa!!!

Boa viagem, me senti, um tanto chateado mas recompensado pelo Bateria. Alguma coisa continuava a me dizer que tudo iria terminar da melhor qualidade. No mais, é só lembrar das passagens e dar muitas risadas. Que foram momentos muito divertidos foram. Logo em seguida peguei o curió repetidor de Itabuna, aquele “amoitado”. Era realmente fantástico, tinha um belíssimo futuro, inclusive na roda. Era rápido, com boa retomada. Mas, infelizmente veio à óbito de repente, não deu tempo para salvá-lo.

Passado um ano mais ou menos, fui a uma periferia de Brasília. Um cabra havia me oferecido um curió que dizia cantador, valente e muito bom. Fui lá, num sábado de manhã e qual não foi a minha surpresa. Era aquele que estava na casa da estrada, rodou por vários criadores até parar naquele lugar. Peguei o bicho e levei para casa, feliz da vida. Que sorte, por pura casualidade veio parar na minha mão.

Lá chegando, coloquei uma fêmea do lado e ele começou a cantar feito louco: “Til-til-rém-rém”, chiando rato uma fêmea de “quem-quem” linda do bico branco. A paixão foi recíproca e imediata. Tanto que levei ele no treino no outro dia e já se apresentou a contento. Percebi, no entanto, que ele tinha medo de estaca, se fosse de madeira pior ainda.

Faltava o nome, chamei o Gambirinha para ver: “*é ele, sim confere, é aquele da estrada lá da Bahia*” Aí, tava o nome **CONFERE**. Não conferiu apenas na origem, conferiu na qualidade e nas performances na roda. Pós Casinha, estava sem curió de ponta, ele preencheu o espaço pois cantava sempre para cabeça. Foi campeão do Brasil Central em 88 e Vice Campeão Brasileiro, só perdeu na classificação para o Trovoada do Marlon do Rio.

Lembro-me bem de algumas passagens, ganhou o torneio do Césio 157 em Goiânia, quando muitos ficaram com medo de dormir na cidade. Eu, ficava rindo de tanta bobeira, pareciam crianças, acreditando em assombração. Achavam que não podiam beber água, comer ou dormir em qualquer lugar da cidade, estava tudo contaminado, sic. Quase todos, menos eu só vieram no domingo. Estavam lá duas feras o Trovoada e o Corrupto que foram

batidos, neste dia pelo **CONFERE** e devidamente preparado desde sábado, sem precisar viajar de madrugada.

A outra, era a vontade de ganhar o primeiro torneio realizado na ACPB em 1988, clube havíamos criado, com muita luta a sede própria e condizente para realizar torneios de fibra e canto. Fizemos um esforço danado para realizar o torneio naquela sede e conseguimos. Queríamos ganhar a fibra curió, mas não deu certo, Trovoada (*um show de curió*) ganhou, o **CONFERE** ficou em segundo, cantou muito mas não deu. Neste mesmo ano, em Ribeirão Preto ficou em segundo lugar, empatado com outro curió da Lagopas o Cintila. Muito interessante nesse dia, foram quatro curiós da Lagopas entre os cinco primeiros, menos o primeiro lugar: Confere, Cintila, Carreta e Conserva.

Com essas e outras despertou a atenção de muitos. Depois da muda em 89, passei na Vice-Versa do amigo Celso Neves e ele me propôs: *“me cede aquele teu curió, te dou o Calunga por ele e te volto o que é de direito”*. Fiquei, calado e estupefato por alguns momentos. Sabia que o Calunga tinha muito mais volume mas estava desacertado porque a fêmea tinha morrido. Pensei *“acertar ele com aquela minha fêmea é mole”* Fizemos o negócio imediatamente, fui buscar o CONFERE (*dei a fêmea certa, e avisei tem algum medo de estaca tem que ter cuidado ao colocar*). A viagem que começou mal, estava se encaminhando para ter um final feliz, estava com o extraordinário Calunga na mão.

O amigo, não teve o cuidado devido com o **CONFERE**, o primeiro torneio era Goiânia, estaca de madeira. Não quis saber, colocou na estaca de qualquer jeito e deixou ele se bater, desacertou de vez; *“Aloísio, sê me matou, num quento isso não”*. Mas logo depois, num torneio em Cuiabá MT, foi o melhor colocado de Brasília, provou que mesmo fora de forma conferia. A paciência do Celso foi pouca, passou para o Rio e lá ele desapareceu. Também, não deixou filhotes, uma pena. Me lembro bem dele com muito carinho, só cantava pra cabeça, era um ótimo curió, recompensou e salvou a viagem maluca a Bahia.

Aloísio Pacini Tostes

Bonfim Paulista – Ribeirão Preto SP

Multiplicar para Conservar

www.lagopas.com.br

